

## Parte II - Estudos Empíricos

### 4. Assange, Snowden, Greenwald

Leon Rabelo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RABELO, L. Assange, Snowden, Greenwald. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 85-118. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. <https://doi.org/10.7476/9788578795726.0005>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Parte II

# **Estudos Empíricos**

## 4. Assange, Snowden, Greenwald

*Leon Rabelo*

### 1. Introdução

De que forma a acessibilidade da esfera pública contemporânea está se reconfigurando mediante as dinâmicas de apropriação e deslocamento de grupos constituídos nas novas culturas de rede? Que circuitos e nódulos estão emergindo, particularmente quando se analisam as ‘problemáticas de atravessamento’ de campos historicamente consolidados e basilares da esfera pública moderna, tais como o jornalismo e os estados nacionais democráticos?

Sabe-se que a esfera pública sempre foi um conceito em transformação. Há muito tempo não se fala mais de *uma* esfera pública, mas de inúmeras esferas, que vão se delineando a partir de suas interações específicas. (Crossley & Roberts, 2004) Ou seja, as características ideais de abertura e acessibilidade discursiva dos espaços públicos modernos, segundo as quais todos seus integrantes teriam as mesmas possibilidades de participação, sempre foram tensionadas por condições e circunstâncias de funcionamento efêmeras. Nestas, operam as mais diversas estratégias, recursos, interesses e correlações de força. Além disso, as esferas públicas sempre foram plasmadas por configurações relativas às suas estruturas materiais, técnicas e institucionais. Todos esses fatores, que sempre serão controversos e cambiantes historicamente, compõem em seu conjunto as diferentes ‘arquiteturas de acesso’ à publicidade. As últimas

duas décadas de nosso tempo estão vivendo fortes movimentos de mudança quanto a esse tipo de configuração, sendo hoje consenso que as tecnologias de rede emergentes, com sua facilidade de produção, publicação e compartilhamento, provocam importantes curvaturas na maneira de como diferentes temas e discussões chegam à atenção pública e nela circulam.

Dentre inúmeros exemplos, serão aqui descritos e discutidos três casos, escolhidos por serem indiciais de algumas dessas mudanças: o caso da organização *Wikileaks*,<sup>10</sup> no relato de seu aparecimento, sucesso e crise; o caso mais recente das revelações feitas por Edward Snowden, o ex-funcionário da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos que, em junho de 2013, revelou ao mundo uma série de informações sigilosas, indicando que esse e outros órgãos de segurança governamentais estavam excedendo e fazendo mau uso de suas funções;<sup>11</sup> e a fundação do website *The Intercept* por Gleen Greenwald.

Embora os três casos sejam distintos, separados por um intervalo de alguns poucos anos e tenham protagonistas diferentes, eles podem ser vistos como paralelos quanto aos seus movimentos de inflexão. Eles parecem indicar como grupos ou indivíduos estão encenando movimentos *tentativos* (Braga, 2010c) para alterar os rumos do acesso social à informação publicamente relevante, especialmente sobre problemas e abusos das instituições de poder sobre os direitos individuais e as regras democráticas. Sobretudo, há novidades quanto à maneira pela qual esses grupos acessam, se apropriam e lançam suas questões de interesse na esfera pública, para ali serem acolhidos, rejeitados ou debatidos.

---

10 <https://wikileaks.org/> consultado em 28/07/2014

11 [http://en.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Snowden](http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Snowden)

Em termos práticos, os três casos se fundam na ação de *vazamento* de informações sensíveis e sigilosas, oriundas de diferentes instituições de poder. Informações cuja relevância para o olhar público, incluindo-se a pertinência de sua publicação, é sujeita a fortes controvérsias de interpretação, revelando problemáticas sobre diversas regras institucionais e seus protocolos. Fica evidente, no acompanhamento dos três casos, a importância justamente da quebra desses protocolos, a quebra de regras sistêmicas e suas consequências para os atores envolvidos, bem como seu desdobramento enquanto debate público. Tem-se aí um problema comunicacional de enfrentamentos, atravessamentos, disputas e contradições entre diferentes grupos e agendas. Os três casos, portanto, podem ser visto como indiciais de circuitos que rearranjam os modos de acesso à atenção pública.

Como estratégia de abordagem, escolhemos apresentar o relato dos três casos, tais como eles surgiram na cena contemporânea, mostrando os modos e complicações pelas quais foram atraindo a atenção dos meios de comunicação, dos atores institucionais e diversos interpretadores. À medida que apresentarmos as três narrativas, serão mostradas aproximações ou diferenças entre elas, para que no final algumas conclusões possam ser tentadas. Faz-se a ressalva que os três casos ainda são processos em curso – especialmente o caso de Snowden – e que portanto ainda podem surgir movimentos imprevistos e contraditórios com o que será exposto aqui.

## **2. Wikileaks**

É presumível que o Wikileaks já seja um projeto esgotado ou ao menos enfraquecido, após seu auge no começo da década de 2010. Sua importância, no entanto, faz com que ele ainda mereça ser debatido. Como foi amplamente noticiado desde seu surgimento

em 2006, o Wikileaks é “uma organização transnacional de mídia sem fins lucrativos”<sup>12</sup>, cujo objetivo é publicar “postagens (*posts*) de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.”<sup>13</sup> Usando ferramentas de software de última geração, entre as quais “*MediaWiki, Freenet, Tor e PGP*”<sup>14</sup>, a proposta original do Wikileaks era proteger com anonimato a origem ou identidade de suas fontes, “permitindo um modo universal de revelar injustiças escondidas ou censuradas.”<sup>15</sup> Após o lançamento de seu site, o Wikileaks publicou uma série de vazamentos documentais que repercutiram na mídia internacional. Entre outros, foi divulgado, em abril de 2007, um vídeo mostrando o ataque de um helicóptero estadunidense a um grupo de pessoas em Bagdá, capital do Iraque, matando ao menos 12 delas, dentre as quais dois jornalistas da agência de notícias Reuters.<sup>16</sup> Outra publicação que mereceu destaque foi o manual que instruía sobre o tratamento dos prisioneiros na prisão militar estadunidense de Guantanamo, em Cuba.<sup>17</sup> Além disso, foram publicados relatórios militares secretos das forças de ocupação americanas no Afeganistão e Iraque, que atestam a morte de um grande número de civis.<sup>18</sup> Finalmente, em novembro de 2010, no que talvez tenha sido a publicação de maior destaque, foi exposta uma grande quantidade de documentos diplomáticos secretos dos

---

12 [www.wikileaks.org](http://www.wikileaks.org), consultado em 28/07/2014

13 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikileaks>, consultado em 28/09/11

14 *Idem*.

15 *Idem*.

16 O vídeo, bem como um fórum de discussão a seu respeito, podem ser vistos em <http://collateralmurder.com/> (consultado em 20/12/2011)

17 <http://wikileaks.ch/gitmo/#> (consultado em 20/12/2011)

18 <http://wikileaks.org/irq/> (consultado em 20/12/2011)

Estados Unidos, em especial telegramas que discorriam sobre as relações e posicionamentos dos corpos diplomáticos americanos em relação aos seus aliados e amigos.<sup>19</sup>

Os resultados práticos da colaboração entre o Wikileaks e importantes publicações de notícias foram consideráveis. No caso dos telegramas diplomáticos, por nove dias consecutivos, as histórias extraídas dos documentos publicados pelo Wikileaks foram matéria de capa do jornal *The New York Times*, causando considerável repercussão midiática e institucional, além de ocupar, nas semanas e meses seguintes, importante lugar no agendamento noticioso internacional.<sup>20</sup>

Como bem observa Sergio Amadeu da Silveira, o Wikileaks não foi o primeiro fenômeno de publicação online de documentos ou materiais sigilosos, nem foi o primeiro caso em que se usaram ferramentas informatizadas para ocultar a identidade ou origem de suas fontes (Silveira, 2011). Mundo afora, há inúmeras postagens de vídeos e imagens na internet sobre assuntos sensíveis para instituições de poder e governos, especialmente sobre países ou governos totalitários, ou sobre ações politicamente controversas das democracias ocidentais. O Wikileaks, no entanto, foi um dos primeiros atores dentre essas novas práticas de publicação a conseguir credibilidade junto à opinião pública mundial, como instituição ou ator definido, atraindo assim atenção não só para essas novas práticas, quanto para si mesmo. Pode-se especular sobre os motivos disso.

Possivelmente, o Wikileaks teve sucesso em se apresentar como uma organização bem articulada e programática, e não apenas

---

19 <http://wikileaks.org/cablegate.html> (consultado em 20/12/2011)

20 Ver, por exemplo: [http://uscpublicdiplomacy.org/index.php/newsroom/special-reports\\_detail/wikileaks\\_cablegate\\_media\\_monitor\\_report1/](http://uscpublicdiplomacy.org/index.php/newsroom/special-reports_detail/wikileaks_cablegate_media_monitor_report1/) consultado em 07/03/2012.

como uma série de ações individuais. Ou simplesmente as condições estavam maduras, em termos de disseminação das culturas da internet e existência de grandes bancos de dados digitais, para possibilitar as ações que tornaram o Wikileaks conhecido no mundo inteiro. De qualquer maneira, o Wikileaks não deixa de se constituir num conjunto grande e complexo de problemáticas a ser analisado. Seu principal elemento característico – a publicação de vazamentos de documentos e conteúdos sigilosos – se apresenta em volumes e ritmos que antes do advento das novas tecnologias de informação e comunicação eram praticamente impensáveis.

Para comparar: um dos vazamentos mais famosos da recente história ocidental, que por suas características tem certa semelhança aos do Wikileaks, foi o caso chamado “Pentagon Papers”, em 1971.<sup>21</sup> Nele, cerca de sete mil páginas de documentos militares estadunidenses foram vazadas, durante a Guerra do Vietnã, e publicados pelo jornal *The New York Times*, causando uma alteração significativa de como a opinião pública internacional percebia aquela guerra no sudoeste asiático.

Já os vazamentos mais importantes do Wikileaks, tais como os da Guerra do Afeganistão, do Iraque e os Relatórios Diplomáticos Estadunidenses, continham respectivamente 91.731<sup>22</sup>, 391.832<sup>23</sup> e 251.287 documentos.<sup>24</sup> Segundo o principal jornalista a cargo da publicação dos “Pentagon Papers”, Daniel Ellsberg, em 1971 passaram-se 22 meses entre o momento em que ele teve acesso aos documentos

---

21 [http://en.wikipedia.org/wiki/Pentagon\\_Papers](http://en.wikipedia.org/wiki/Pentagon_Papers) consultado em 10/11/2011

22 [http://en.wikipedia.org/wiki/Afghan\\_War\\_Logs](http://en.wikipedia.org/wiki/Afghan_War_Logs) consultado em 10/11/2011

23 [http://en.wikipedia.org/wiki/Iraq\\_War\\_Logs](http://en.wikipedia.org/wiki/Iraq_War_Logs) consultado em 10/11/2011

24 <http://en.wikipedia.org/wiki/Cablegate> consultado em 10/11/2011



e sua publicação pelo *The New York Times*.<sup>25</sup> Já nos casos do Wikileaks, em poucas horas, centenas de milhares de documentos e conteúdos publicados pelo site ficam acessíveis no mundo inteiro, para qualquer pessoa que tivesse acesso à internet. Obviamente, isso não implica em nenhuma diferença na valoração entre os dois processos, mas na observância de que as novas dinâmicas, tais como ocorrem dentro do ciberespaço, se diferenciam em função de fatores como o volume, rapidez e modalidades das publicações e que, em função disso, suas mediações e respostas precisam ser analisadas especificamente.

### **Processamento em rede**

A funcionalidade mais importante do Wikileaks – a que propriamente engendra uma multidão de interações e interpretações ao seu redor – é a de permitir o livre processamento de seus bancos de dados a quem quiser, bastando acessá-las diretamente em seu site. Além de se poder fazer o download do conjunto dos documentos, é possível também acessar diferentes ferramentas online que possibilitam seu manuseio. Ou pode-se criar ferramentas novas, que contenham os vieses que bem se entender. Informações sensíveis de documentos, antes sigilosos, podem ser analisadas, sintetizadas e republicadas, por quem esteja interessado, seja em trabalhos individuais ou coletivos de investigação.

Essa ‘funcionalidade social’ quanto ao processamento de informações é estruturante do Wikileaks. É ela que engendra o ecossistema comunicacional ao seu redor. E ela se liga a dois aspectos correlatos, igualmente importantes: primeiramente, o volume massivo dos documentos publicados pelo site, contados em centenas

---

25 Documentário Page One – Inside The New York Times, <http://www.imdb.com/title/tt1787777/> consultado em 10/11/2011

de milhares, faz com que sua análise, ao menos a curto prazo, não possa ser feito manualmente, seja por indivíduos ou organizações isoladas. Elas precisam ser processadas através de *softwares* especificamente criados, que permitem a totalização e visualização das informações contidas nos documentos. O surgimento do ecossistema em seu entorno é assim, ao menos em parte, uma demanda técnica, cujo resultado prático foi o surgimento dos inúmeros sites e ferramentas de análise dedicados a ela.<sup>26</sup>

O segundo aspecto estruturante, ligado ao necessário processamento coletivo dos dados publicado e constituinte de um campo de interações, é o surgimento de centenas de locais no ciberespaço que além de produzirem análises sobre os documentos vazados também hospedam cópias inteiras das próprias bases de dados do Wikileaks. Essas bases de dados copiadas são denominadas ‘espelhos’, sendo que em dezembro de 2010, apenas algumas semanas após a publicação final dos relatórios diplomáticos estadunidenses, já se podiam contar mais de 800 sites que desempenhavam essa função propagadora e apoiadora do Wikileaks.<sup>27</sup>

Uma observação, possível de ser feita a partir do exposto acima, é que o surgimento desse ecossistema em torno do Wikileaks não torna seu cerceamento mais difícil apenas do ponto de vista técnico-operacional. Como os sites espelho estão espalhados em inúmeros países, submetidos cada qual à suas jurisdições, seu cerceamento tampouco pode ser feito de maneira fácil e unificada dos pontos

---

26 Por exemplo: <https://github.com/search?q=wikileaks&type=Repositories&x=0&y=0> consultado em 20/01/12

27 <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI4831926-EI12884,00-Quase+sites+pelo+mundo+ja+hospedam+copias+do+WikiLeaks.html> consultado em 10/11/2011; e <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI4841857-EI12884,00-Google+Earth+cria+mapa+mundial+de+espelhos+do+WikiLeaks.html> consultado em 04/12/2011

de vista policial e legal. A partir das funcionalidades dos modos de publicação do Wikileaks, tem-se imbricações, portanto, ao mesmo tempo de ordem prática e técnica como jurídicas, políticas e mesmo diplomáticas.

É importante entender, também, que esse ecossistema de interações no entorno do Wikileaks não se constitui de processos harmônicos, previsíveis ou mesmo pacíficos. Seus desdobramentos são bastante complexos e, muitas vezes, contraditórios. Nestes, surge uma série de resistências e choques, dentro de uma teia de relações e acontecimentos frequentemente inéditos que fogem dos planejamentos ou acordos prévios entre seus atores, precisando ser analisados à medida que acontecem. Talvez, seja essa a fundamental dimensão dos movimentos comunicacionais do Wikileaks: a teia de conflitos e choques que suas ações provocam.

Por motivo de brevidade, será analisada resumidamente, uma dessas frentes, em que culturas institucionais ou praticas estabelecidas reagiram fortemente em relação às ações das novas formas de publicação do Wikileaks: a do jornalismo.

### ***Wikileaks e o Jornalismo: colaboração e disputa***

As maneiras usuais de produção noticiosa, ou parte significativa de suas práticas, rotinas e conceitos foram tensionadas e desafiadas pelo Wikileaks. Ao mesmo tempo, o Wikielaks não poderia existir sem o campo do jornalismo. Para que formulações e sínteses possam ser feitas a partir dos documentos vazados, para que essas informações possam ter um rápido acesso e circulação na esfera pública, os documentos devem ser trabalhados de acordo com os parâmetros clássicos de criação noticiosa, ou ao menos esta tem que ser tomada como referência prática. Essa continua sendo, afinal, a melhor maneira de, em cima de um banco de documentos

ou dados, rapidamente se identificar tramas, atores, motivos e processos, reconstituir fatos e contextos relevantes para o alimento informacional da sociedade contemporânea.

Surge aí uma disputa: pela maneira que o Wikileaks opera, usando a internet como principal meio de publicação, a tarefa de criação noticiosa poderia, em tese, passar ao largo das instituições estabelecidas do jornalismo e suas atribuições tradicionais, bastando para isso que eles fossem publicados online. Percebe-se por vários testemunhos que houve – ao menos na época em que o Wikileaks eclodiu como fenômeno – uma considerável preocupação, por parte de importantes integrantes do jornalismo internacional, de como seriam afetados suas rotinas e a cultura em decorrência das novas dinâmicas de publicação na internet.<sup>28</sup> Sendo o jornalismo uma forma estabelecida de mediação entre a realidade social e os públicos modernos, poder-se-ia apressadamente inferir que as novas dinâmicas do ciberespaço prescindiriam do que poderia ser chamado da ‘intermediação institucional’ do jornalismo.<sup>29</sup>

No entanto, ao menos no caso do Wikileaks, essa expectativa não se confirmou. O que surgiu foi um quadro bastante diferente e problematizável, no qual a afirmação de que o Wikileaks não precisa dos órgãos de notícia tradicionais deve ser fortemente relativizada, o que pode ser observado nos desdobramentos dos principais vazamentos do Wikileaks.

Numa entrevista em fins de 2010, o porta-voz do Wikileaks, Julian Assange, afirma que, no início de suas atividades, havia a expectativa, por parte da organização, de que os usuários individuais, *não*

---

28 Documentário Page One – Inside the New York Times, <http://www.imdb.com/title/tt1787777/> consultado em 20/02/2012.

29 Cf. entrevista com o editor do jornal espanhol “El País”, Luis Cebrián, disponível em <http://migre.me/SNOLt> consultado em 26/09/11

*institucionais*, espalhados pelo mundo, pudessem realizar, *de forma espontânea e não coordenada*, o trabalho inteiro de processamento dos documentos publicados por sua organização.<sup>30</sup> No entanto, mesmo surgindo inúmeros ‘sites espelho’ e mapas interativos disponibilizados, houve um resultado muito abaixo do esperado em termos de resultados investigativos concretos que sintetizassem esse potencial em histórias esclarecedoras para o grande público. Nas palavras do próprio Assange: “em 2006, nós esperávamos que o público geral iria escrever artigos e análises, de forma colaborativa. Isso não se concretizou de fato.”<sup>31</sup> Não houve uma ampla onda de resultados ‘noticiosos’ em resposta às publicações do Wikileaks – e sobretudo, os resultados não foram rápidos.

Um possível motivo para esse resultado pouco expressivo é que, para que as tais ‘histórias jornalísticas’ fossem extraídas das massas de documentos publicados, são necessários dedicação e *know-how* propriamente jornalísticos. Ou seja, precisa-se de elementos conceituais, rotinas práticas e recursos humanos que se encontram nos órgãos de imprensa tradicional, e não nos públicos espalhados pelos ambientes virtuais.

Outro fator a ser considerado é que a internet não pode, de uma hora a outra, substituir todo um conjunto social de práticas, uma cultura e hábitos de como e onde as pessoas procuram se informar e inteirar sobre os acontecimentos. A credibilidade e a capilaridade que o campo jornalístico possui não podem ser transferidas automaticamente para uma organização como o Wikileaks.

---

30 Cf. documentário Wikirebels – The Documentary, disponível em <http://online-journalismblog.com/2010/12/12/wikileaks-the-documentary/> consultado em 04/10/2011

31 Idem.

A confirmação disso é que o Wikileaks, diante dos resultados iniciais abaixo do esperado, partiu para estabelecer diferentes parcerias com órgãos de notícia tradicionais, cujos profissionais, capacitação técnica e cultura investigativa lhes pudessem vir de auxílio. Assim, quando em fins de 2010 foram publicados os ‘Relatórios Diplomáticos Estadunidenses’, essa ação, desde seu início, foi planejada e realizada em parceria com importantes jornais, tais como o *New York Times*, o *The Guardian*, o *Der Spiegel* e o *El País*. Outro motivo para essa parceria, de ordem prática, foi uma necessidade ligada à deontologia jornalística: a da proteção das fontes.

Explica-se: em muitos casos, como por exemplo no dos relatórios diplomáticos estadunidenses, se todas as informações dos documentos vazados pelo Wikileaks fossem rigorosamente postas a claro, haveria o inevitável comprometimento de segurança de muitos dos informantes e delatores que tinham servido como fontes de informação para a feitura dos documentos. Tratava-se, muitas vezes, de interlocutores clandestinos que, se expostos, correriam grandes riscos de segurança pessoal. Sua proteção era uma exigência importante e se enquadra num dos preceitos mais básicos da prática jornalística: “a máxima exposição de assuntos de relevância pública, mas sem o comprometimento das identidades ou da segurança das fontes que as revelaram – caso seja essa sua vontade ou necessidade.” (Christensen, 2012). Essa exigência, ademais, está de acordo com os princípios de origem do Wikileaks, que se apresentou como uma organização capaz de garantir – no processo de produção noticiosa – aquilo que até o presente o jornalismo, enquanto instituição, sempre tivera como uma de suas garantias. As matérias publicadas, em cima dos documentos vazados, requeriam esse tratamento prévio por parte dos jornalistas dos órgãos de notícia com quem o Wikileaks firmara parceria.

Por tudo isso, vê-se que a afirmação ‘o Wikileaks não precisa dos jornais’ era equivocada. O Wikileaks teve grande necessidade dos órgãos de imprensa, restando o debate se essa relação é benéfica para as duas partes ou, por falta de termo melhor, ‘parasitária’ em prol do Wikileaks. Ora, pode-se também concluir que a função do Wikileaks dentro desses processos de parceria é bem diferente da função clássica de ‘fonte de informações’. O Wikileaks entra na parceria com uma agenda própria. Na verdade – e eis uma constatação do presente trabalho – seus movimentos são de disputa quanto à correlação de poder dentro dos processos noticiosos, podendo-se observar uma inequívoca tentativa, por parte do Wikileaks, de interferência nos processos de pauta da agenda midiática. Há uma estratégia e tentativas de capturar, por parte da organização, a atenção pública. E tal ambição não vem tanto, ou apenas, do teor e relevância de seus documentos vazados, mas se mostra como clara tentativa de interferência e deslocamentos *nos processos e rotinas* usuais que, até o presente, regeram a criação cotidiana de notícias. Em última instância, é essa sua agenda, e é em relação a ela que os órgãos de notícia tradicionais necessitam oferecer respostas e reações. São esses, portanto, alguns dos elementos e movimentos propriamente *comunicacionais* da relação entre o Wikileaks com a mídia tradicional e as práticas do jornalismo.

### **Crise do Wikileaks e surgimento de novos casos**

Ao encaminhar as conclusões do caso abordado, há que se lembrar que o Wikileaks é ainda uma história em andamento. Diversos fatores, no entanto, indicam que a organização chegou a uma crise bastante severa, talvez terminal. No final, ela não aguentou as diferentes formas de perseguição e contra-ataques desferidos por vários governos e instituições, tanto em relação à sua operação quanto ao

financiamento.<sup>32</sup> Sofreu também dissidências por conta do estilo excessivamente personalista de seu líder, Julian Assange<sup>33</sup>, e concorrência com o surgimento de organizações semelhantes. Um evento, em especial, parece ser sintomático das insuficiências do Wikileaks enquanto projeto. Naquilo que foi descrito como “uma cadeia de erros de diversos atores; uma espécie de falha colaborativa”,<sup>34</sup> houve a publicação inadvertida na internet dos documentos vazados sem nenhum tratamento que ocultasse as identidades das fontes e informantes. O princípio de proteção das fontes foi ferido e, em função disso, a organização foi severamente criticada pelos órgãos de imprensa com os quais ele tinha colaborado anteriormente, tais como os jornais *The Guardian*, *The New York Times*, *Der Spiegel* e *El País*.<sup>35</sup>

A relação mista de colaboração e disputa com o campo jornalístico, portanto, acabou se desequilibrando, com resultados desfavoráveis e mesmo inviabilizadores para o futuro do Wikileaks. Mas, para além do destino particular da organização, há que se observar o surgimento paralelo, ou decorrente, de várias outras organizações com objetivos similares.<sup>36</sup> O Wikileaks deve ser visto como um primeiro ensaio de uma tendência mais ampla e, portanto, como um indicador de mudança em como se darão as disputas por atenção por temas sensíveis na esfera pública. Isso fica evidente

---

32 <http://www.independent.co.uk/news/world/politics/wikileaks-hit-by-new-online-onslaught-2151570.html> consultado em 01/03/2012.

33 Conforme entrevista de David Leigh ao Globo News de 17/05/2011 <http://migre.me/SQ0oH> consultado em 04/10/2011.

34 <http://apublica.org/2011/09/wikileaks-a-contagem-final-do-cablegate/> consultado em 14/09/2011

35 <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,15362016,00.html> consultado em 02/10/2011

36 Ver, por exemplo: [www.cryptome.org](http://www.cryptome.org), <http://www.fas.org/blog/secrecy/>,



pela comparação com um caso semelhante e mais recente: o dos vazamentos de Edward Snowden. A comparação entre os dois casos parece indicar que os atores envolvidos em revelação de segredos institucionais estão criando uma cultura de aprendizado em relação a esse tipo de processo.

### **3. O Caso de Edward Snowden**

Em maio de 2013, um funcionário terceirizado da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, Edward Snowden, procurou o jornalista norte-americano Glenn Greenwald e a documentarista Laura Poitras, deslançando um novo vazamento de documentos ultrassecretos, provenientes de instituições de segurança e controle do governo norte-americano. Segundo novamente a avaliação abalizadora do veterano jornalista Daniel Ellsberg, o mesmo do vazamento dos “Pentagon Papers”, em 1971, a importância desse vazamento superou qualquer vazamento anterior, inclusive os do Wikileaks.<sup>37</sup>

As comparações entre o Wikileaks e o caso Snowden são interessantes tanto por suas semelhanças quanto diferenças. Os dois processos tiveram como elemento desencadeante uma quebra de protocolo a partir de dentro de rígidos sistemas de segurança. No caso mais célebre do Wikileaks, o dos documentos diplomáticos, soube-se depois que o vazamento teve origem nas ações de um técnico de segurança das forças armadas estadunidenses, Chelsea Manning<sup>38</sup>. Quanto a Edward Snowden, ele também estava estrategicamente colocado, dentro do aparato de vigilância dos Estados

---

37 <http://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jun/10/edward-snowden-united-stasi-america> consultado em 08/08/2014

38 [http://en.wikipedia.org/wiki/Chelsea\\_Manning](http://en.wikipedia.org/wiki/Chelsea_Manning) consultado em 19/07/2014

Unidos. Ele fora gestor de sistemas para a Agência Central de Inteligência (CIA) e instrutor de contraespionagem da Agência de Inteligência da Defesa (DIA). Mais tarde, Snowden passou a trabalhar em postos-chave de empresas terceirizadas da Agência de Segurança Nacional (NSA).<sup>39</sup> Foi de lá que ele resolveu, depois de longa preparação, vir a público com o que sabia sobre os métodos, a seu ver pouco republicanos, do sistema de vigilância das agências estatais em que tinha trabalhado.

Nota-se que no caso Snowden, o acesso à atenção da esfera pública se deu por meios bastante mais convencionais do que o Wikileaks. Não se constituiu para tal um site ou plataforma tecnológica específica. Desta vez, a opinião pública tomou conhecimento do vazamento por meios das reportagens jornalísticas geradas em cima de entrevistas, a entrega pessoal de arquivos sensíveis, além da publicação de um livro. É neste último, escrito por Glenn Greenwald e lançado em maio de 2014 e intitulado *“Sem Lugar para se Esconder: Edward Snowden, a NSA e a Espionagem do Governo Americano”*, que se pode acessar os relatos da parceria entre jornalistas e o consultor técnico em vigilância online, resolvido a expor em público os desmandos de importantes agências estatais de segurança.

De saída, nessa nova parceria entre fonte e jornalista, é digna de nota a complexidade já do primeiro contato. Para não deixar pegadas digitais e para não tornar sua localização passível de rastreamento, Snowden tem que primeiro instruir o jornalista a uma série de medidas de precaução digital até que finalmente o encontro presencial possa ocorrer, fora do território e da jurisdição norte-americana. Foi num hotel em Hong Kong que Snowden grava uma série de entrevistas a Glenn Greenwald e Laura Poitras. Ele também entrega arquivos de material sensível e altamente confidencial

---

39 [http://en.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Snowden](http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Snowden)

que, segundo ele, indicaria claramente que a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos estaria extrapolando os limites razoáveis de atuação, passando a agir de forma daninha para os direitos de privacidade dos cidadãos e fora dos preceitos do estado de direito democrático.

No entanto, uma vez estabelecida essa parceria e arquitetada uma estratégia de como essas informações seriam reveladas, nota-se que ao contrário do caso Wikileaks, a principal fonte não quer se esconder.<sup>40</sup> Mesmo se fazendo objeto de seriíssimas acusações criminais, por ter quebrado um sem número de protocolos e leis de segurança nacional, Edward Snowden não cogita o anonimato como estratégia, mas faz questão de vir a público e revelar sua identidade.

As punições do governo dos Estados Unidos não tardaram, tendo o Departamento de Justiça acusado Snowden de violar a Lei de Espionagem e roubo de propriedade do governo. Algumas semanas depois, seu passaporte foi revogado e Snowden acaba pedindo asilo político na Rússia, onde se encontra até o presente. Mesmo assim, a resolução de revelar sua identidade, sua atitude de se expor publicamente, faz com que no caso Snowden a fonte tenha um protagonismo inteiramente diferente da do caso Wikileaks. Aqui, ela é a principal baliza da credibilidade das informações e um articulador político de pleno direito. Vir a público e assumir politicamente a *quebra das regras do protocolo* é justamente o primeiro passo para se levantar o debate e propriamente iniciar uma discussão pública sobre a validade ou não de sua posição crítica.

Outro aspecto relevante do amadurecimento estratégico, no caso de Snowden, é o alto nível de organização do material entregue

---

40 <http://www.theguardian.com/world/2013/jun/09/edward-snowden-nsa-whistle-blower-surveillance> consultado em 08/08/2014

por ele aos jornalistas. Pelo relato de Greenwald, mais do que apenas um gesto repentino de assalto aos bancos de dados das agências de segurança, Snowden foi pacientemente coletando evidências das improbidades, organizando-as segundo suas áreas específicas para depois poder apresentá-las de forma clara e pedagógica aos jornalistas. Estes, mesmo com a boa experiência que tinham nesse tipo de assunto, ficaram abismados com a vastidão do sistema de espionagem montado pelas agências de segurança, ainda mais porque o sistema foi desenvolvido sem qualquer prestação de contas, transparência ou limite. Não apenas contra organizações pretensamente inimigas e de caráter terrorista, mas contra a própria população civil dos Estados Unidos e de países amigos e democráticos (Greenwald, 2014, p.97).

Entre os documentos vazados por Snowden, havia comprovantes de inúmeros programas e ações que possibilitam a coleta indiscriminada, por parte dos agentes de segurança, de qualquer tipo de rastro informacional deixado por um indivíduo ou organização, em qualquer modalidade de comunicação existente. A evolução tecnológica dessas ferramentas torna possível acessar ligações telefônicas, e-mails, registros comerciais, contábeis, buscas no Google, sites visitados e, claro, qualquer tipo de interação nas redes sociais, sejam elas privadas ou públicas, tudo isso em tempo real. (Greenwald, 2014, p.162) E pior, essas ações podem ser feitas sem nenhum tipo de autorização judicial ou supervisão de outra autoridade. Nas palavras do próprio Snowden: “sentado à minha mesa, eu podia grampear qualquer pessoa, de você ou seu contador até um juiz federal ou mesmo o presidente; bastava ter um endereço de e-mail pessoal”. (Greenwald, 2014, p.167).

Nota-se aqui uma interessante diferença entre os dois casos. O Wikileaks divulgou eventos, fatos e documentos. Já nas revelações de Snowden ficam mais evidentes, já de saída, *os processos e metodologias* da vigilância institucionalizada. Ou seja, há um valor

agregado maior nas revelações de Snowden. Elas são mais instrutivas quanto às características do sistema de vigilância como um todo, não apenas sobre alguns de seus casos particulares.

As revelações de Snowden já mostram claramente, também, como as metodologias de vigilância eram usadas como estratégias políticas por parte do governo dos Estados Unidos e seus aliados próximos. Já ficam claros muitos de seus propósitos como, por exemplo, as ações de vigilância eram usadas para fazer espionagem corporativa e diplomática, mesmo em relação a governos, países e organizações democráticas sem nenhuma suspeita de envolvimento em atividades de risco para a segurança dos Estados Unidos. As informações extraídas eram simplesmente usadas para dar vantagens nas negociações que os Estados Unidos e seus aliados próximos tinham com esses países. (Greenwald, 2014, p.142-161).

Além dessas ações, já graves, as agências de segurança expostas por Snowden também usavam seu poder de intromissão para influenciar, de diferentes maneiras, o debate público. Seja agindo de maneira sub-reptícia em fóruns de discussão, seja criando factoides ou denegrindo a imagem pública de indivíduos e grupos que eles quisessem atingir, a sua presença velada se fazia sentir nos processos de criação e circulação de opinião na sociedade. (Greenwald, 2014, p.198-207). Pode-se argumentar que esse tipo de ação difamatória sempre existiu, por partes de governos e organizações. Mas a que tipo de situação se chega quando os agentes responsáveis por essas ações possuem praticamente qualquer tipo de informação disponível sobre a privacidade dos indivíduos ou as atividades de grupos que querem atingir, além de que essas informações foram obtidas sem os devidos processos legais ou qualquer responsabilização e auditoria?

As revelações de Snowden tomaram a atenção pública com praticamente a mesma intensidade que o Wikileaks. Já nos primeiros dias, quando as matérias escritas por Greenwald foram divulgadas pelo *The Guardian*, os links foram retransmitidos centenas de milhares de vezes nas redes sociais. A entrevista de Snowden, onde ele se identifica e esclarece seus motivos teve três milhões de acessos no Youtube e outros tantos no site do *The Guardian*. (Greenwald, 2014, p.91). Como ocorrera no caso do Wikileaks, a esfera pública mundial mais uma vez voltou sua atenção às problemáticas de privacidade e vigilância, discutindo como as mediações tecnológicas contemporâneas permitem ora ocultamentos, ora desvelamento de improbidades institucionais ou do poder governamental.

Igual ao Wikileaks, a ação de Snowden foi motivo de violentas controvérsias sobre sua justeza ou legalidade. Alçado à condição de herói por respeitadas vozes do debate público norte-americano e internacional,<sup>41</sup> para outros tantos ele era um dissidente<sup>42</sup> ou mesmo um traidor.<sup>43</sup> Enquanto um ex-diretor da CIA queria que Snowden fosse literalmente “enforcado”<sup>44</sup>, a Alta Comissária da Nações Unidas para Direitos Humanos, Navi Pillay, advogava que Snowden nem deveria ser julgado, pela relevância pública de suas revelações. Fica claro que, por sua radicalidade, uma ação como

---

41 <http://www.newyorker.com/online/blogs/johncassidy/2013/06/why-edward-snowden-is-a-hero.html> consultado em 12/08/2014

42 <http://www.usnews.com/news/blogs/washington-whispers/2013/08/01/edward-snowden-receives-asylum-in-russia-poll-shows-americans-sympathetic-to-nsa-whistle-blower> consultado em 12/08/2014

43 <http://www.pbs.org/newshour/rundown/2014/01/gates-on-snowden.html> consultado em 12/08/2014

44 <http://www.foxnews.com/politics/2013/12/17/ex-cia-director-snowden-should-be-hanged-if-convicted-for-treason/> consultado em 12/08/2014

a de Snowden choca-se com as normas convencionais e com as práticas usualmente aceitas dos campos político, diplomático e midiático, causando dissonâncias na maneira pelas quais estes se harmonizavam. Pode-se verdadeiramente falar aqui em dinâmicas de “atravessamento de campos” (Braga, 2012b), para as quais os diferentes mecanismos de resposta setoriais não tinham protocolos prontos e previstos.

Como resposta quase imediata das revelações, houve vários embaraços entre os Estados Unidos e países amigos, tais como o México, Brasil e a Alemanha.<sup>45</sup> A revelação de grampeamentos até dos celulares dos mais altos representantes governamentais desses países causou mal-estar, chegando até a cancelar uma visita de Estado que a presidente Dilma Rousseff faria aos Estados Unidos.<sup>46</sup> Cogita-se, ainda, que o caso Snowden tenha impulsionado, no Brasil, a retomada e tramitação do “Marco Civil da Internet”, que distanciou o país das políticas de internet dos Estados Unidos e reacendeu o debate por uma governança global da rede mundial de computadores.<sup>47</sup>

No entanto, são ainda mais interessantes, para a presente análise, os desconfortos e choques que o caso começou a gerar entre o jornalista envolvido e sua relação com os órgãos de notícia para quem ele trabalhava. A esse respeito, Glenn Greenwald relata detalhadamente os cuidados, excessivos a seu ver, que o jornal para qual ele trabalhava, o *The Guardian*, tinha em relação a publicar ou não o material apresentado por Snowden. Invocando cláusulas de

---

45 <http://www.theguardian.com/world/2013/oct/24/nsa-surveillance-world-leaders-calls> consultado em 12/08/2014

46 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-cancela-viagem-aos-eua,1075730> consultado em 12/08/2014

47 <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/04/netmundial-inicia-com-obrigado-snowden-e-defesa-da-internet-livre.html> consultado em 12/08/2014

segurança nacional e a possibilidade de sofrer retaliações, os editores relutavam em soltar as matérias de Greenwald. Mesmo sendo considerado uma publicação de linha editorial independente e arrojada, a insegurança do *The Guardian* chocou-se com os ideais do jornalista:

Tive a sensação de que estávamos deparando exatamente com o tipo de barreira institucional ao jornalismo agressivo que eu entrara no Guardian para evitar: preocupações jurídicas. Consultas a funcionários do governo. Hierarquias institucionais. Aversão ao risco. Atrasos. (Greenwald, 2014, p.75)

No campo jornalístico surge também o inevitável debate se Glenn Greenwald era, de fato, um jornalista. Embora ele já estivesse por anos atuando no campo de notícias, atuando como blogueiro e cobrindo sobretudo questões ligadas à política e a proteção dos direitos individuais na era da internet, sua formação superior fora em direito. Iniciou-se agora um debate, como no caso do Wikileaks, se o que ele estava fazendo era “jornalismo” ou “ativismo”. Isso não apenas tinha implicações sobre a legitimidade de sua produção noticiosa, mas também sobre os tipos de proteção jurídica que Greenwald poderia invocar, caso fosse processado por suas ações. (Greenwald, 2014, p.225)

Novamente, percebe-se aqui o tensionamento de fronteiras entre os campos criados pelas dinâmicas de um evento de irrupção. Pretensamente, só se Greenwald fosse um jornalista ‘de verdade’, alojado dentro de uma instituição jornalística ‘genuína’, seguindo seus preceitos e deontologias, ele poderia fazer jus às suas proteções institucionais. Se não pertencesse a elas, segundo essa maneira de pensar, ele seria *apenas* um militante. Enfim, vê-se que as respostas



sociais às ações ao caso Snowden patinam na indecisão de qual deveria ser, afinal, seu endereçamento correto.

#### **4. Fundação do *The Intercept***

O corolário dessa problemática foi a saída de Greenwald do *The Guardian*<sup>48</sup> e o estabelecimento, em fevereiro de 2014, do website *The Intercept*.<sup>49</sup> Eis um movimento ‘tentativo’ importante, que pode ser visto como uma resposta aos impasses e dificuldades encontrados nos órgãos de notícia tradicionais. A finalidade do *The Intercept*, primeiramente é a de “fornecer uma plataforma de informação para os documentos da NSA apresentados pelo denunciante Edward Snowden”. Essa cobertura, promete a equipe do *The Intercept*, será “abrangente, inovadora e multifacetada.” Promete-se, ainda, que serão usadas todas as formas de mídia digital para a sua divulgação, que serão também publicados os documentos de fonte primária em que elas se baseiam e que especialistas externos com conhecimento da área serão convidados para contribuir com os relatórios criados. Além disso, será fornecida uma plataforma para comentários e interação dos leitores.<sup>50</sup>

A longo prazo, o objetivo do *The Intercept* é criar uma plataforma de produção noticiosa de pleno direito:

Nossa missão de longo prazo é produzir, sem medo, jornalismo crítico em uma ampla gama de questões. A independência editorial dos nossos jornalistas será garantida. Eles serão incentivados a perseguir suas paixões, cultivar uma voz única e publicar histórias sem levar em conta a quem

---

48 <http://www.bbc.com/news/world-us-canada-24545344> consultado em 14/08/2014

49 <https://firstlook.org/theintercept/> consultado em 14/08/2014

50 <https://firstlook.org/theintercept/about/> consultado em 12/08/2014

eles podem irritar ou atrapalhar. Acreditamos que o valor principal do jornalismo é o seu poder de impor transparência, e, assim gerar *accountability*, em relação aos mais poderosos órgãos governamentais e corporativos. Aos nossos jornalistas serão fornecidos todos os recursos e apoio necessários para fazerem isso.<sup>51</sup>

A equipe de uma quinzena de pessoas que compõe o *The Intercept* mostra trajetórias diversas. A grande maioria é do jornalismo, mas há também denominações como “autor independente”, “analista de tecnologia”, “especialista em sistemas operacionais de códigos abertos ‘Linux/GNU’”, “advogado”, “documentarista e artista”.<sup>52</sup>

A solução tentada – e que seja frisada a tentativa – não é a de criar uma ferramenta tecnológica de última geração, como foi no caso do Wikileaks. Trata-se antes de criar um espaço interacional que permita a agregação de experiências diversas. Através das mediações que as novas tecnologias permitem, pretende-se preencher algumas das lacunas criadas nos limites, ou impasses, entre as ações institucionais dos meios de comunicação, órgãos de segurança e os direitos da cidadania.

Nesse sentido, a tecnologia não é o mais importante. O *The Intercept* não é ‘apenas’ um blog ou website. Suas características fundamentais, as maneiras pelas quais ele pode engendrar interações e novos circuitos comunicacionais não vêm por conta de seu formato, ou pela tecnologia de *web* com o qual ele foi construído. A pretensão do *The Intercept* é ser, ao menos potencialmente, um *dispositivo agregador da confiabilidade noticiosa e articulação de atenção pública*.

---

51 Idem.

52 <https://firstlook.org/theintercept/staff/> consultado em 13/08/2014

Para ele, houve a migração de pessoas e funcionalidades de arranjos institucionais anteriores, que levaram consigo credibilidade, técnicas, acúmulos de conhecimentos e práticas. O *The Intercept*, enquanto encruzilhada de caminhos, enquanto dispositivo interacional, não estaria completo sem a presença de atores como o próprio Snowden, que ali pode aportar toda sua bagagem de conhecimento, sua trajetória dentro das agências de inteligência, com cujas práticas se viu constrangido e radicalmente insatisfeito, pelas consequências daninhas que, a seu ver, elas têm para a cidadania e a democracia.

De forma mediada, estará lá também a mistura de sucesso e fracasso que foi a experiência do Wikileaks. Quando foi a vez de Snowden se rebelar contra o sistema, ele buscou não o Wikileaks, mas um novo arranjo, que tivesse equacionado melhor a relação entre práticas jornalísticas e plataformas de internet. Não parece ser otimismo demais concluir, portanto, que da mesma forma que as agências e governos estão cada vez mais inteligentes no uso das novas tecnologias para vigiarem e controlarem a sociedade, os atores desta sociedade também estão aprendendo a ficar cada vez mais hábeis em resistir e enfrentá-los.

## Suíte nº 1

### “Assange, Snowden, Greenwald”, de Leon Rabelo

*José Luiz Braga*

Os dispositivos e circuitos abordados por Leon Rabelo se organizam em um campo de forças muito tensionado pela política e por lógicas de segredo – de controle rigoroso da circulação e do acesso à informação. Os padrões institucionais de espionagem, muito estabelecidos, são enfrentados por uma lógica abrangente, de ordem social, que é a de resistir àqueles controles de circulação.

O estudo de Leon mostra duas tentativas originadas em pontos diversos da sociedade – se desdobrando, depois, em uma terceira processualidade que busca levar em conta dificuldades enfrentadas no âmbito das duas primeiras. Aparecem, no conjunto, movimentos claros de invenção social, através de correções e redirecionamentos sucessivos, com base nas experiências anteriores – aspecto relevante da comunicação. A invenção social é resultado de processos interacionais em que se aprende com a experiência e com as tentativas dos demais, fazendo reajustes e tentando outras coisas. Mesmo ocorrendo inicialmente em modo disperso, na medida de sua eficácia, passa a ser *incorporada na cultura*, na forma de modelos confiáveis que podem ser então acionados como dispositivos sociais. É o que parece começar a ocorrer, no âmbito apresentado pelo capítulo.

Quando acompanhamos nos jornais, sucessivamente, os dois casos, do Wikileaks e de Edward Snowden, a impressão predominante foi a de percebê-los como caracterizados centralmente por uma lógica de *vazamento de informações* assumidas como sigilosas. Embora a lógica e os processos de vazamento ocupem um papel

importante nessa questão de circulação, Leon Rabelo aprofunda a observação, mostrando processos mais complexos.

Um primeiro aspecto assinalado pelo capítulo é que a diversidade de casos evidencia um *processo social* de experimentação – e não apenas tentativas isoladas entre si. Embora o estudo se concentre na análise dos casos observados, mostra também o “surgimento paralelo, ou decorrente, de várias outras organizações com objetivos similares”<sup>53</sup>. Sem entrarmos na história do esforço comunicacional pela transparência, contemporâneo do surgimento do jornalismo, na Europa do século XVII, sabemos que a complexidade crescente das democracias modernas faz o segredo ocupar espaço no exercício do poder, em contradição com uma valorização afirmada da esfera pública como espaço de deliberação.

Por sua vez, o jornalismo de grande mídia, vinculado a processos econômicos dominantes, adota um excessivo comedimento na defesa dos valores de esfera pública, sempre que as políticas do segredo acionam argumentos de segurança nacional ou referentes a interesses político-econômicos ditos “do país”.

Somando-se a insuficiência da ação jornalística em defesa da transparência, os valores nunca abandonados de esfera pública (mesmo se pouco exercidos) e as possibilidades tecnológicas atuais de fazer circular informações, reúnem-se condições estimuladoras de diferentes iniciativas sociais em busca de uma comunicação social mais transparente. Os casos estudados se destacam não só pela repercussão que mereceram, como porque aí se desenvolvem ações comunicacionais relevantes e tentativas de elaboração de circuitos – pelas quais se amplia a compreensão dos processos em curso.

---

53 Salvo outra indicação expressa, todas as citações nas Sùites se referem ao capítulo imediatamente anterior, que estas comentam.

No caso Wikileaks, a ênfase se coloca inicialmente no vazamento das informações. Trata-se sobretudo de acionar desvios, por meio de informadores contatados nos circuitos do segredo, de modo a disponibilizar maciçamente as informações obtidas. A expectativa de Assange (aliás mostrada na denominação<sup>54</sup>) seria a de que a simples disponibilização dos dados geraria uma ação social de interpretações colaborativas, que faria circular espontaneamente as notícias – selecionadas e analisadas em modo aberto.

Se se realizasse em abrangência adequada, essa ação difusa teria a potencialidade de concorrer com o sistema jornalístico ins-tituído, para os temas desviados do segredo. Podemos inferir aí duas crenças, não plenamente realizadas como ação espontânea: no processo interpretativo difuso e na geração de circuitos mais ágeis através das redes sociais.

Leon mostra que as dificuldades do Wikileaks aparecem em diversos níveis: para a geração de interpretações e produção de sentido sobre os dados capturados; para obtenção de processos de circulação com alguma competência de estabilidade; para angariar credibilidade; e finalmente, para manter o compromisso de proteção das fontes.

Aparece aqui, com clareza, a diferença entre informação (como conjunto de dados a respeito de temas do mundo e ações da sociedade); e os processos comunicacionais. Na informação, trata-se apenas de dados, que entram na *lógica da passagem* – em que nada se modifica, na transmissão entre o ponto de saída e o ponto de chegada.

Na comunicação, embora a informação seja tipicamente um elemento presente, a transmissão não basta. O que caracteriza a

---

54 O termo “wiki”, a partir de expressão havaiana, corresponde nas redes informatizadas a características de rapidez, sistema aberto, edição coletiva e processos colaborativos.

comunicação, ao contrário, são o gesto interpretativo, a produção conjunta de sentidos (mesmo se tensa e tentativa), a agregação de outras perspectivas, as modificações *em processo* (ao inverso de *entrega pronta*); e uma circulação que se faz atravessando ambientes e acervos de densidade e composição variável, incidindo sobre esses contextos e recebendo deles diversas leituras e sentidos múltiplos.

Aparentemente, Assange acreditava que tais processos ocorriam, produtivamente, em modo colaborativo e espontâneo – o que lhe permitiria dar ênfase ao esforço de disponibilizar. Isso não significa, é claro, que sua ação fosse meramente informativa. O simples fato de desviar informações de um circuito de segredo para torná-lo acessível em circuito aberto é já uma ação política e transformadora, em defesa da transparência e a favor da esfera pública. Como nota o capítulo, Assange e o Wikileaks não se põem apenas como fonte para circuitos noticiosos: desenvolvem uma política própria que facilmente entra em conflito com os campos sociais estabelecidos – inclusive o da própria grande imprensa.

Assim, embora os vazamentos não tenham produzido aquelas ações espontâneas, em volume, sentido e rapidez pretendidos, a disponibilização de dados vazados gerou um forte atravessamento de campos sociais: político, econômico, diplomático e do jornalismo estabelecido – constituindo, como o capítulo mostra, um verdadeiro ecossistema, que evidencia espaços de receptividade social para seus objetivos e procedimentos.

O segundo caso observado apresenta processos complementares que enriquecem a experiência e a invenção social do processo. Leon mostra que os vazamentos efetuados por Edward Snowden especificam diferentemente a experiência social. Uma primeira especificidade foi a de buscar acionar diretamente, dentro do jornalismo estabelecido, setores mais promissores para seus objetivos – assegurando assim a presença de circuitos já dados, para o desvio

dos circuitos do segredo. Um segundo aspecto foi a exposição do ponto de origem do vazamento, o próprio Snowden, como responsável por este e pela sistematização de dados – o que se torna diretamente notícia, conforme padrões habituais do jornalismo.

O capítulo mostra ainda outra especificidade importante, que é o desdobramento do enfoque informativo: ao lado dos documentos, aparecem informações sobre o próprio processo de geração dos dados dentro do sistema de vigilância, assim como sobre objetivos e usos feitos de tais informações – envolvendo, sob a cobertura do segredo, ações ilegais, contrárias ao estado de direito e à privacidade dos cidadãos, e para beneficiar interesses menos defensáveis, sob a justificativa de interesses nacionais americanos.

Essa explicitação desdobra as ações de vazamento em um nível propriamente noticioso; e um nível diretamente político. Com isso se explicita a multiplicidade de circuitos outros e de campos sociais que são atravessados pelos processos de circulação ampliada. Outro aspecto mostrado por Leon evidencia um aperfeiçoamento do “nível de organização do material entregue”, o que desenvolve as lógicas interacionais do processo. Esse aspecto é interessante porque implica uma atenção que vai além dos dados – fazendo perceber diretamente os requerimentos da produção de sentido.

Interessantemente, e malgrado o fato de que Snowden buscou a própria imprensa como principal responsável pela circulação da transparência, evidencia-se também aí um atravessamento do campo jornalístico, pela tensão que os materiais trazem aos padrões habituais desse campo. Quando Greenwald, jornalista do *The Guardian*, observa os “cuidados excessivos” do jornal na publicação das informações, evidencia justamente uma “barreira institucional”.

A última experiência que aparece no capítulo é a do próprio Greenwald, na constituição de uma plataforma para assegurar um sistema de relações interacionais pertinentes ao processo. O



capítulo explicita essas características: além da disponibilização de documentos e do trabalho jornalístico habitual, participação de especialistas externos com conhecimentos de área, composição diversificada da equipe e espaço para interação de leitores. As lógicas comunicacionais da plataforma envolvem uma vocação crítica – uma perspectiva com critérios analíticos para interpretação e produção de sentido; defesa do valor de transparência, cobrança de *accountability*.

Duas proposições do capítulo devem ser destacadas, nesse aspecto. Leon Rabelo observa que a tentativa do *The Intercept* “não é a de criar uma ferramenta tecnológica de última geração, como foi no caso do Wikileaks. Trata-se antes de criar um espaço interacional que permita a agregação de experiências diversas”. E ainda, que a “pretensão do *The Intercept* é ser, ao menos potencialmente, um *dispositivo agregador da confiabilidade noticiosa e articulação de atenção pública*” (grifo no original).

Essa perspectiva evidencia desenvolvimentos da invenção social em curso, partindo do vazamento enquanto *desvio de circuito*. Essa ação comunicacional é ampliada, no caso Snowden, pelo desvelamento dos meandros de um dispositivo de captura e usos contrários ao estado de direito, que é protegido por um “circuito de segredo”. No terceiro caso, de Greenwald, aparentemente mais ancorado em processos jornalísticos, podemos na verdade perceber uma elaboração mais complexa, em que lógicas de jornalismo são articuladas com processos mais especificamente focados em uma circulação requerida para os objetivos sociais e políticos defendidos. Isso fica evidente, no texto, tanto pela composição da equipe do *The Intercept*; como no próprio debate sobre se Greenwald seria de fato um jornalista ou um ativista.

Para além da disponibilização de dados e da geração de processos de circulação que contestam os circuitos do segredo,

mostra-se, no conjunto de casos, um trabalho socialmente cumulativo na gestão de dispositivos interacionais e de circuitos com lógicas interacionais ajustadas à transferência de políticas do segredo para processos de esfera pública.